

O animal não tem razão

(1ª Parte)

Este fim de milênio está marcado por uma preocupação mundial: a preservação do meio ambiente e o destino da vida sobre a Terra. Vê-se emergir entre crianças e jovens uma nova ética da natureza, que poucas gerações conheceram ou conceberam. As crianças erigem-se contra a poda de árvores, a morte de baleias e são capazes de sair na defesa de um inseto ameaçado por algum adulto. Cada vez mais a natureza e os seres vivos tornam-se objeto de direito. A nova lei dos crimes ambientais é um exemplo dessa mudança, principalmente nos artigos que tratam da proteção das plantas, animais domésticos e selvagens e daqueles usados em pesquisa de laboratório.

Paradoxalmente, um pouco como na questão dos operários no século XIX e das mudanças ocorridas com a juventude nesta segunda metade de século, a Igreja parece estar chegando atrasada – mais uma vez – no tema da ecologia. Dada a complexidade e a abrangência do tema, vale tomar como reflexão inicial o exemplo dos animais e do lugar reservado para eles na teologia judaico-cristã, profundamente marcada pelo antropocentrismo.

Nas grandes religiões monoteístas, em geral, os homens não têm nada a aprender com os animais. Já nas religiões politeístas, os animais servem de modelo de comportamento e conduta para os homens. Eles ensinam como proceder em diversas situações. O único exemplo da Bíblia nesse nível é o da jumenta de Balaão que vê o quê seu mestre e seus dois servos não vêem: o anjo exterminador de Javé, postado no meio do caminho! Ela tenta salvar seu dono por três vezes, desviando da rota. Apanha muito por fazê-lo, a ponto de Javé abrir sua boca para interrogar seu dono: "O que foi que eu fiz para você me espancar três vezes?" (Nm 22,22-28). Fora este relato, de origem bastante obscura, no texto bíblico, os animais não tem quase nada a nos ensinar.

Sem tocar voluntariamente no tema do vegetarianismo, a visão das tradições hinduístas, das religiões do Egito antigo e dos vários grupos africanos e ameríndios são muito diferentes da tradição monoteísta. No julgamento dos mortos do Egito antigo, diante da balança de Mâat, não somente as faltas



Wilson A Cassanti

contra a humanidade eram consideradas, mas também todas as cometidas contra os animais. Escritos nas sepulturas evocavam que o morto nunca havia atentado contra os animais: "Nunca molestou um ganso, nem retirou o capim de um boi...". Era crença dos egípcios que os animais compareceriam ao julgamento para testemunhar a favor ou contra o humano julgado. Em outras palavras, não só o comportamento do homem em suas relações humanas era julgado na hora da morte, mas também seu relacionamento com a natureza. Para nossa teologia antropocêntrica isso sempre foi simplesmente inconcebível. Os animais não têm vez no púlpito de nossas igrejas e nos escritos doutrinários.

Os mitos indígenas e de povos politeístas, sobre a origem do cosmos, sempre buscam situar o homem dentro da criação e do meio ambiente. Na tradição judaico-cristã e muçulmana é o contrário. O cosmos inteiro é que é situado no interior do mundo dos homens, ao qual fica absolutamente submetido. Como destaca o teólogo alemão Eugen Drewermann, no cristianismo é ainda pior, pois este estendeu sua antropologia à cosmologia. Toda a criação foi levada ao mal pelo pecado de Adão e deve ser salva pelo Cristo, quer dizer pelos homens, seguidores do Cristo (Igreja). "Essa imagem do mundo é sem dúvida altamente mitológica, mas, com relação ao mito "pagão", sua mitologia vem do fim oposto: no antropocentrismo da visão cristã do mundo (caso se continue a interpretá-lo assim!), o ser humano continua o tema principal do universo; ele e seu destino decidem o conjunto do cosmos; tudo que existe foi criado para ele. Trata-se de uma teologia que recusa simplesmente, como nos dias de Galileu, a ver e a levar em conta o que deveríamos reconhecer na primeira olhada que se desse através de um microscópio ou de um telescópio: a completa refutação do antropocentrismo cristão". Galileu e Copérnico enterraram a duras penas o geocentrismo, mas pouco arranharam o antropocentrismo. Talvez, suas descobertas científicas até afirmaram a infinita capacidade

deste singular ser racional que seria o homem.

Nossa civilização comete três crimes gravíssimos contra os animais. O primeiro é a destruição de suas casas e moradas, de seus ecossistemas. Para ter-se carne em churrascos, imagina-se legítimo estender as pastagens até onde for possível: desmatando e queimando, destruindo - sem a menor reflexão - milhares de habitats e milhões de espécimens. Em segundo lugar, está o tratamento dado aos animais na pecuária moderna. O que se faz em termos de manipulação genética, técnicas de reprodução, alimentação, remédios, hormônios, transporte e abate é digno de um filme de terror. Mas o consumidor vê a carne embalada, bonita, no supermercado e voluntariamente não deseja saber o que aquele frango ou boi sofreu antes de chegar ali. Esconde-se tudo isso. Por último, está o que pratica-se nos laboratórios de pesquisa. Verdadeiros centros de tortura, eles submetem animais a sofrimentos indescritíveis por via física, química e radioativa. Estima-se a cerca de 300 a 400.000 animais superiores mortos anualmente em laboratório. A maioria por motivo fútil: testar novas fórmulas de xampu, cremes faciais etc. A pretensão cosmética cobra um alto preço para atender a vaidade humana.

Evaristo Eduardo de Miranda é Doutor em ecologia e pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa.